

Comunicações

A iconografia do Pe. José da Silva Coutinho na construção de uma autoria atribuída

Amarilis Rebuá de Mattos
Pablo Sotuyo Blanco

PPGMUS-UFBA; RIidIM-Brasil/BA

Resumo

Este trabalho propõe discutir a iconografia relativa ao Pe. José da Silva Coutinho, autor atribuído à Novena de Nossa Senhora do Carmo de João Pessoa enquanto fontes para construção da imagem pública do compositor e musicista. Validamos cruzar as informações biográficas disponíveis e outras por mim localizadas.

Introdução

A maior parte das fontes biográficas sobre Pe. José da Silva Coutinho foram publicadas em forma de relatos de amigos com algumas fotografias isoladas, crônicas de jornais, cartas e coletâneas de artigos sobre ele. De toda a documentação levantada até a presente data, a autoria da Novena de Nossa Senhora do Carmo como um todo, permanece desconhecida. O próprio Pe. José Coutinho afirmou apenas que reorquestrou a Novena, porém nunca afirmou ser esta uma composição sua.

De acordo com Domingos Azevedo Ribeiro, historiador e ex-presidente da Academia Paraibana de Música, cujo acervo musical, agora em poder de seus descendentes, podem estar as partituras ainda não localizadas de Pe. José Coutinho, comenta sobre algumas de suas composições

Musicou inúmeros poemas religiosos de autores paraibanos, [...] compôs a Ladainha e uma marcha de procissão para as festividades de Nossa Senhora do Carmo, um tantum ergo para ser cantado durante o novenário da Virgem das Neves, um salutaris, um Hino à Nossa Senhora da Penha e outras composições sacras e religiosas no decorrer da sua tumultuada existência. (CORREIO DA PARAIBA, 04/05/1997. In: RIBEIRO, 2014, p. 125).

O certo é que toda a documentação levantada atribuindo ao Pe. José Coutinho a composição da Novena como um todo é posterior à sua morte. É preciso reconhecer a relação que a comunidade de João Pessoa tem, pela ação dele para com os pobres e pelo esforço por ele dedicado para a continuidade da celebração da Novena do Carmo, como é chamada pelos músicos e a comunidade.

A atribuição da Novena a ele é uma espécie de tributo póstumo, principalmente após a construção da imagem icônica de Pe. José Coutinho refletida em seu túmulo. A imagem que o povo tem é consistente e a atribuição da autoria da Novena, passou a ser mais um tributo devocional religioso de doação e misericórdia.

Objetivos

Neste estudo iremos analisar duas esculturas sobre Pe. José Coutinho nas quais ele se encontra em uma cadeira de rodas especial com três rodas: uma alegoria tumular e uma escultura existente no Acervo Humberto Nóbrega, que se encontra sob os cuidados da UNIPÊ - Centro Universitário de João Pessoa.

Buscamos compreender o significado do seu epitáfio e dos dizeres anexados à alegoria tumular, e a relação entre os aspectos relativos à identidade iconográfica construída e a atribuição da autoria da Novena de Nossa Senhor do Carmo ao Pe. José da Silva Coutinho.

Fundamentação teórica e metodológica

Tendo como base o método Panofsky de análise iconográfica, o presente estudo se desenvolve metodologicamente através da seleção de duas esculturas, algumas fotografias de momentos e atitudes significativas que melhor representam determinadas situações, definindo a personalidade do Pe. José Coutinho para assim fazer a construção de sua imagem identitária.

Para Ginzburg, o método Panofsky, é acima de tudo um método histórico, podendo investigar as imagens no seu percurso ou desenvolvimento ao longo do tempo (GINZBURG, 1989, p. 64). Alves de Oliveira afirma que, para Panofsky, a iconografia é a descrição e classificação das imagens, que podem nos informar quando e onde temas específicos foram visualizados e por quais motivos específicos. A iconografia também se torna um instrumento fundamental para o estabelecimento de datas, origens e, às vezes, autenticidade, além de

fornecer as bases necessárias para interpretações posteriores (OLIVEIRA, 2005, p. 2). Como método de interpretação, a iconologia é constituída de três etapas: 1) pré-iconográfico ou fenomenológico, que tem como função a identificação e enumeração das formas puras reconhecidas como portadoras de significados; 2) iconográfico, que diz respeito ao domínio daquilo que identificamos como imagens, histórias e alegorias; 3) camada da essência, que determina os princípios subjacentes revelados numa determinada atitude básica, qualificada por uma personalidade e condensada numa obra. Cabe ao pesquisador investigar documentos que testemunhem as tendências expostas na iconografia sob investigação. (OLIVEIRA, 2005, p. 1 e 2).

Para a construção de uma identidade, de acordo com Vera Regina Veiga França, é preciso incidir pelo terreno das imagens, galeria de retratos e marcas através das quais aparecemos na cena social. (FRANÇA, 2002, p. 7) Para realizar a análise dessas imagens e fotografias relacionadas ao estudo em questão, é preciso primeiro compreender o significado de “construção identitária”.

Segundo André Luiz Piva de Carvalho, a imagem “identitária”, diante de sua característica simbólica, é representada materialmente na sua sinonímia de imagem concreta quando aparece gravada em algum dispositivo tangível, como no caso da fotografia. Já a formulação de uma “identidade”¹ é montada simbolicamente num processo de geração de significados, que produzem sentido numa imagem, podendo ser definida como representativa ou simbólica, para uma construção identitária (CARVALHO, 2008, p. 49).

Enquanto a identidade na prática social, para Bourdieu, é manifesta em representações mentais e materiais (BOURDIEU, 1989, p. 112), para Carvalho, a ideia de identidade como “coisa representada” ou de construção identitária, se caracteriza por uma linguagem para descrever e interpretar uma outra linguagem, que procura significar algo que já é transmitido simbolicamente, reforçando a ideia de procedimento de representação. Nestas representações, os meios sociais emanam projeções de imagens, como os espelhos, pela produção de imagens promovem a identificação, através de semelhanças e diferenças, gerando de si próprios, realidades culturais e identitárias de determinados momentos históricos-sociais. Assim, Carvalho afirma que os indivíduos de determinado grupo humano, também constroem seus simbolismos e representações,

¹ As duas expressões: identitária e identidade não fazem parte do vocabulário da língua portuguesa.

(CARVALHO, 2008, p. 51) como afirma Stuart Hall: “A identidade é um lugar que se assume, uma costura de posição e contexto.” (HALL, 2006, p. 15 e 16)

Por outro lado, Jean-Claude Kaufmann vê a identidade relacionada à vida cotidiana, e afirma que, a identidade possui função vital e cotidiana devendo o indivíduo reformulá-la sob pena de ver a sua existência perder sentido. (KAUFMANN, 2005, p. 63). Portanto, é entre o povo, na sua vida cotidiana, que aprendemos a identificar o mundo e o ver como dotado de sentido. Para Rouseane da Silva Paula, “a identidade é um processo, historicamente novo, ligado a emergência do sujeito e de que o essencial gira em torno da fabricação de sentido.” (PAULA, 2008, p. 116)

Neste artigo, mostraremos uma sequência cronológica de eventos ocorridos durante a vida do Pe. José Coutinho ilustrada por fotografias, e que motivaram a construção da escultura tumular com sua própria representação iconográfica.

De acordo com Luiza Fabiana Neitzke de Carvalho, a alegoria funerária, é uma figura que encarna uma ideia por meio da sua representação. Portadora de índices iconográficos, a mensagem da alegoria é uma forma de comunicação. A figura alegórica pode ser figura humana, portadora de gestos que caracterizam uma ideia a ser passada, ou caracterização de seu corpo, sendo que a expressão e os índices iconográficos também enfatizam o que deve ser dito. (NEITZKE DE CARVALHO, 2008, p. 412)

Observado a análise sobre as alegorias tumulares de Carvalho, verificamos que no presente artigo, o tipo de alegoria tumular do Pe. José Coutinho, pode ser vista como “o morto como alegoria de si mesmo”, onde o próprio morto é representado de forma alegórica quando aparece retratado em seu túmulo. A forma como é personificado, revela aspectos relevantes de sua personalidade ou ainda profissionais. Carvalho afirma que o túmulo pode trazer os objetos ou o indivíduo pode ser retratado fazendo aquilo que era relevante em vida. Este tipo de alegoria trabalha a questão de como o indivíduo deve ser lembrado, apaziguando a lacuna deixada. (NEITZKE DE CARVALHO, 2008, p. 417). A intenção dos túmulos monumentais é passar à posteridade, e “a alegoria na arte funerária não fala somente por meio de gestos ou signos, mas pela propriedade de seus materiais que enfatizam a possibilidade de atravessar o tempo”. (NEITZKE DE CARVALHO, 2008, p. 419)

Alegoria Tumular

No túmulo de Pe. José Coutinho existe uma escultura de autoria do artista plástico Rivaldino Coutinho Gomes (NOBREGA, 1997, 128). Sobre uma lápide em mármore cinza escuro está a alegoria tumular com a imagem do Pe. José Coutinho sentado em uma cadeira de rodas, vestido com uma batina comprida, sapatos e óculos. Esta mede aproximadamente 1.30 de altura por 1.50 de comprimento.



Figura 1 - Escultura tumular de Pe. José Coutinho. Fonte 1: AHN, Foto, F20-07-010

Pela foto antiga, de autor desconhecido, a cadeira de rodas aparenta ser de granito escuro, diferente do material utilizado da parte da escultura do padre, que pode ter sido confeccionada em cimento. É difícil definir com certeza o tipo de material utilizado, principalmente porque a escultura está pintada com duas cores: a imagem e a batina em branco, os óculos e os sapatos em preto. Os pés estão confortavelmente apoiados num apoio próprio para os pés, assim como os braços, se encontram apoiados no braço da cadeira.

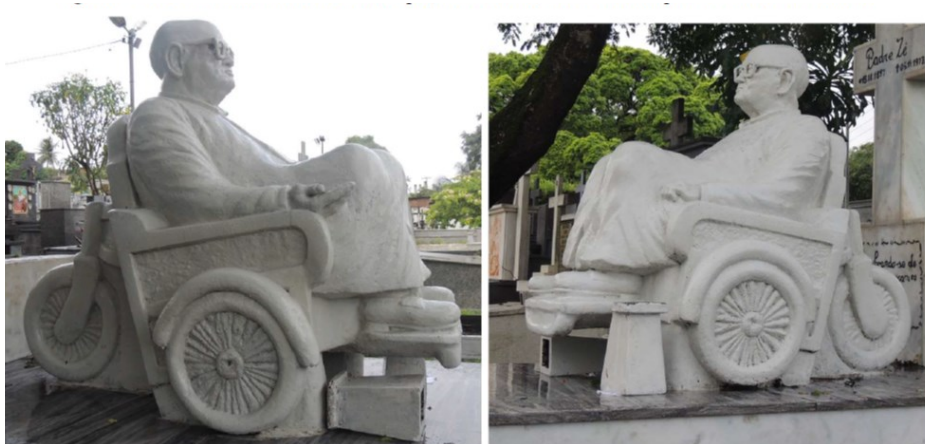


Figura 2 - Detalhes das mãos e verificar que, atualmente, a estátua está pintada inteira de branco. Fonte 2: Fotos atuais, tiradas pela autora dia 16/07/2015.

O detalhe importante nesta alegoria é a posição das mãos: a esquerda está segurando o braço da cadeira, ao passo que a direita está virada para cima para pedir esmolas. Um gesto com a mão estendida que se tornou característico na memória de todas as pessoas que o conheceram.



Figura 3 - O Padre José da Silva Coutinho (1897-1973) Fonte 3: NUNES, 2013.

De acordo com Humberto Nóbrega, José da Silva Coutinho era filho de Júlio da Silva Coutinho e Eusébia de Carvalho Coutinho, nascido a 18 de novembro de 1897, em Esperança, Paraíba (NÓBREGA, 1997, p. 9). De família muito religiosa, era sobrinho de D. Santino Maia da Silva Coutinho, arcebispo de Alagoas, e afilhado do Monsenhor Odilon da Silva Coutinho, Vigário Geral da Arquidiocese da Paraíba e seu maior benfeitor. Foi batizado a 23 de janeiro de 1898, pelo seu tio Francisco José da Silva e D. Maria de Carvalho Coutinho que impôs a condição de criar a criança, caso contrário não haveria batismo. Desta forma, José Coutinho foi criado pelo padrinho. Ainda segundo Nóbrega, aos oito anos, em 1906 foi estudar no Colégio Pio X em João Pessoa e confidenciou à sua professora Irmã Maria Anísia que gostaria de ser padre. Seu tio D. Santino relatou o propósito do sobrinho a D. Adauto, então Bispo da Diocese da Paraíba que o aconselhou a colocá-lo no Seminário Arquidiocesano da Paraíba. Assim, José da Silva Coutinho foi matriculado no seminário no 1º Ano de Madureza, a 1º de março de 1908, conforme consta no I Livro de Matrícula do Seminário. (SEMINÁRIO EPISCOPAL DA PARAÍHYBA, 1894, p. 77-78).

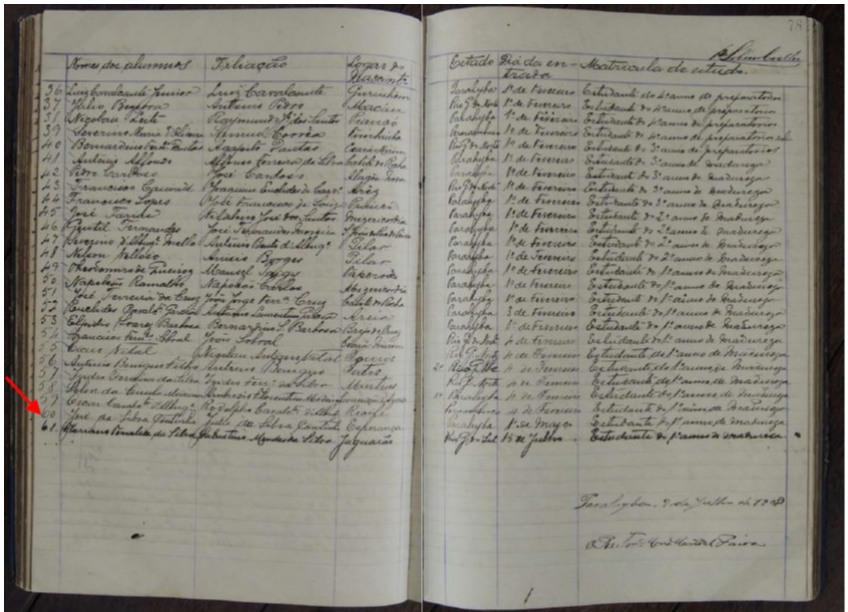


Figura 4: Matrícula n°60 Fonte 4: I Livro de Matrícula (SEMINÁRIO EPISCOPAL DA PARAÍHYBA, 1894, p. 77-78).

Formação Religiosa e Musical

De acordo com Raylane Andreza Dias Navarro Barreto, para iniciar o processo de formação escolar de sacerdotes no Seminário Diocesano da Paraíba começava-se com uma seleção no qual “o seminarista deveria possuir requisitos considerados primordiais do ponto de vista familiar, moral e ético, além de ter uma boa saúde” (BARRETO, 2009, p. 100). Neste processo de entrada havia três subprocessos que formavam um relatório do candidato: o *Processo de Genere*, que apresentava os resultados acerca das origens familiares; o *Processo Vita et Moribus*, sobre a vida e costumes; e o *Processo de Patrimoniis*, especificando os bens a serem doados à Igreja pelo candidato.

A estrutura de ensino no Seminário, segundo Barreto, possuía uma lógica pensada a partir de um modelo pedagógico, que abrangia exercícios religiosos, morais e éticos além de uma série de saberes ligados às humanidades, à Filosofia e à Teologia, disseminados nos cursos e seus respectivos planos de cursos. Havia o curso inferior, hoje Seminário Menor com quatro anos de duração, e o curso superior, hoje Seminário Maior, com seis anos de duração (BARRETO, 2009, p. 108).

De acordo com o Livro de Exames, José Coutinho fez o curso superior do Seminário, estudando de 1908 a 1919. As matérias que cursou foram: Latim, Canto Gregoriano, Música, Piano, Catecismo, História Sagrada e Eclesiástica, Teologia Dogmática, Teologia Moral, Direito Canônico, Liturgia e Escritura Sagrada. A partir de 1919 passou a fazer parte das bancas examinadoras de algumas matérias como Música, Latim e Religião.²

Segundo H. Nobrega, durante o período que esteve no seminário, José Coutinho, como era chamado, fundou um jornalzinho manuscrito semanal intitulado *O Lábaro* junto com os colegas Luiz Gonzaga Lyra e Teodomiro Queiroz Melo. Posteriormente, este jornal mudou de formato e passou a ser uma revista mensal intitulada *A LUZ* (NÓBREGA, 1997, p. 11). Fundou a Sociedade de Proteção a Biblioteca São Tomás de Aquino com Severino Pires e José Borges de Carvalho duplicando seu acervo e conservando os livros, encadernando-os.

² Seminário Episcopal da Parahyba, Livro de Exames. (N/ed., 1894), (Sem nº de páginas).

Como músico, pois tocava Harmônio (Serafina), Piano, Flauta e Violino, José Coutinho organizou ainda como seminarista, a Orquestra Regina Pacis que, sob sua batuta, se tornou conhecida na capital e no interior do Estado. De acordo com relato do próprio Pe. José Coutinho, os instrumentos para compor a *Orquestra Regina Pacis* foram comprados através de uma cota feita entre os padres em retiro, e que tocavam Flauta, Violino, Clarinete, Bombardino e Oboé. (COUTINHO, 1965, p. 66-67).



Figura 5: D. Adauto, ao centro em primeiro plano com seminaristas e Padre José Coutinho, 1916. Fonte 5: Acervo Humberto Nóbrega. Pasta: f20 – Padre Zé Coutinho; Subpasta: f20.08 – Fotos pessoais. UNIPÊ.

De acordo com a Documentação do Clero (MITRA ARQUIDIOCESANA DA PARAÍBA, 1918), em 1918 iniciou o processo de ordenação (11/3/1918 a 10/1/1919) de José da Silva Coutinho que foi ordenado padre pelo Arcebispo D. Adauto de Miranda em 23 de março de 1920, na Catedral Metropolitana.



Figura 6: Ordenação de Pe. José da Silva Coutinho (na frente 4º da esq. p/ dir.) Fonte 6: Fotografia de 23 de maio de 1920. (LIMA, 2007, v.2, p. 163).

De acordo com H. Nóbrega, Pe. José Coutinho gerenciou o jornal católico *A Imprensa* de 1920 a 1923. Em 1924 passou a ser *Ecônomo* do Seminário, instituindo um regime de cardápios semanais. Tendo adquirido experiência no seminário, foi transferido para o Colégio Pio X, adotando o mesmo sistema de refeições (NÓBREGA, 1997, p. 14).

Em 1926, passou a ser *Capelão* da Ordem Terceira do Carmo. Em junho desse mesmo ano, de acordo com Lima, o Papa Pio XII resolveu estender o Ano Santo, ou melhor, prorrogar as graças jubilares de 1925 para todo o ano de 1926, comemorando com muitas festividades. Houve a benção da imagem de Santa Teresa do Menino Jesus, oferecida à Ordem Terceira do Carmo de João Pessoa pelo coronel Frederico Falcão, seguida de uma procissão pelas ruas da capital com andores desta santa e da imagem de Nossa Senhora do Carmo acompanhada pelos fiéis que cantaram Hinos apropriados para a festa. Ainda de acordo com Lima, em agosto, os padres franciscanos abriram solenemente o ano franciscano para comemorar o 7º Centenário do Seráfico Patriarca. Em novembro, para a festa de Cristo Rei, os franciscanos promoveram um tríduo

com grande aceitação de fiéis e uma missa solene de encerramento da festa. Foi cantada a missa "Carmelo" de autoria do Pe. José Coutinho, com um coro de 200 vozes, executada sob sua regência (LIMA, 1959, p. 27, 37 e 46).³

Atividades em torno da Ordem Terceira do Carmo (OTC)

A partir de janeiro de 1927, e durante os 20 anos seguintes, exerceu o Comissariado da Ordem Terceira do Carmo, aumentando o número de irmãos e irmãs,

restabelecendo o antigo esplendor das novenas de Nossa Senhora do Carmo, lembrando os saudosos tempos de Frei Alberto, reorquestrando e compondo novos números - *Flor do Carmelo* e *Nossa Senhora do Carmo* - para esta tradicional festa religiosa Novena de Santa Tereza, *A Missa dos Carmelitas* e o *Te Deum de Santa Terezinha* (NOBREGA, 1997, p. 15).

Ainda segundo H. Nobrega, em março de 1928, Pe. José Coutinho recebeu a Carta Patente de Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte Carmelo. A Novena de Nossa Senhora do Carmo foi executada pela primeira vez em julho de 1927. Nesse ano foi registrada pela imprensa paraibana que houve "música nova" durante a Novena de Nossa Senhora do Carmo. (*Jornal A União*, julho de 1927). No jornal católico *A Imprensa*, a única referência sobre música neste ano foi em 16 de junho, durante a festa de *Corpus Christi*, quando teve uma missa cantada na Catedral Metropolitana com a presença do arcebispo, onde o Pe. José Coutinho regeu o coro dos Carmelitas (LIMA, 1959, p. 60). Sobre o mês de julho, Lima narra somente a segunda reunião episcopal convocada pelo Arcebispo D. Adauto, que aconteceu de 6 a 9 de julho, que teve como resultado uma carta pastoral intitulada *As Bases Fundamentais da Sociedade* com vinte e três resoluções determinando novas diretrizes da Igreja, referentes ao comportamento do clero e da sociedade civil (LIMA, 1959, p. 48-52). No dia 10 de julho houve uma grande homenagem aos Bispos pela União dos Moços Católicos (LIMA, 1959, p. 60-61). As notícias de jornais sobre a Novena e a presença do Arcebispo para celebrar a Missa Solene do dia da padroeira do Nossa Senhora do Carmo, 16 de julho, passaram a ser registradas anualmente apenas a partir de 1931.

³ A partitura da missa Carmelo ainda não foi localizada.



Figura 7 – Pe. José Coutinho controlando a entrada do Andor com a Imagem de Nossa Senhora do Carmo. Fonte 7: AHN, foto, F20.04-008 – UNIPÊ

Marcos Cavalcanti de Albuquerque, afirma que a Novena de Nossa Senhora do Carmo (ALBUQUERQUE, 2013, p. 73) somente passou a ser citada após 1927 devido à atuação do Pe. José Coutinho durante os 20 anos que esteve à frente da OTC como seu Comissário, introduzindo os cantos e preces do novenário em latim, observado até os dias atuais.⁴ O novenário acontece de 7 a 16 de julho, encerrando com a Missa de Nossa Senhora do Carmo escrita por Pedro Santos em 1966, para a Missa Solene do dia 16 de julho (ALBUQUERQUE, s/d). Como Nossa Senhora do Carmo é Padroeira do Comércio e das Forças Armadas, a Banda da Polícia Militar da Paraíba sempre participou das festas da padroeira.

⁴ Neste período da existência desta Novena (1927-2015), esta sofreu modificações em sua estrutura musical, apresentando duas versões musicais que estão sendo estudadas atualmente.



Figura 8 – Pe. José Coutinho observando o Andor dentro da Igreja do Carmo. Fonte 8: AHN, foto, F20.04-009 – UNIPÊ

Por tradição, antes de começar a Novena, a Banda da Polícia Militar da Paraíba sempre se posta na porta da Igreja do Carmo tocando durante a chegada dos fiéis. Segundo Macena, músico que por muitos anos tocou trombone na Novena a partir de 1956, Pe. José Coutinho gostava de Bombardino, e sempre que ia ao quartel recrutar os músicos para a Novena costumava dizer: “Se der, bota um Bombardino”. A forma encontrada pelo Pe. José Coutinho para saber quem havia tocado na Novena era através das assinaturas datadas nas partituras. Macena conta que sempre, cerca de três dias após o término da Novena, ele ia ao quartel da Banda da PM com um envelope de dinheiro para os músicos que

haviam tocado e dizia: “Aqui é uma gorjetazinha para os músicos que tocaram”.⁵

Segundo Eduardo Nóbrega, músico fagotista, até hoje não se fala de quanto será o cachê, mas nunca falta. “O cachê sai da arrecadação dos homenageados: dia do Governador, do Prefeito, dos militares, da polícia, da Capela X”⁶ e assim por diante. Atualmente os músicos vão tocar porque gostam ou por devoção e o coro também. Segundo Eduardo Nóbrega, não existe reposição, o coro está ficando velho e não canta mais a segunda voz.



Figura 9 - Padre Zé celebra na Capela do Colégio das Neves, nas bodas de prata do casamento do Sr. Álvaro de Vasconcelos e numa Festa na Casa Padre Zé. Fonte 9: AHN, fotos, F20.01-003 e F20.01-008 – UNIPE

⁵ Entrevista concedida por Manuel Felipe de Macena no dia 13/05/2013 em sua residência no Bairro dos Estados em João Pessoa. Músico trombonista, 2º Sargento da Polícia Militar da Paraíba. Nascido a 25/01/1926 e na data da entrevista contava com 89 anos e 3 meses. Na Banda da Polícia tocou Bombardino ou Bariton em Sib. Maestro das Bandas das Prefeituras de Pilões de Dentro (10 anos); Alagoinha (4 anos); Araçagi (1 ano) no tempo da ativa e quando reformado em Rio Tinto (8 anos), sendo que esta banda possuía 40 componentes e a de Cabedelo. Estudou Teoria com Pedro Carneiro e harmonia com João Eduardo. José Alexandre tinha uma escola de música perto da Catedral e onde ensinava intervalos. Foi professor de Radegundis Feitosa.

⁶ Entrevista concedida pelo Maestro Eduardo Nóbrega no dia 23/5/2013, fagotista do Novenário do Carmo, onde toca há 30 anos. Professor do Departamento de Educação Musical da UFPB.

Como Vigário da Catedral de Nossa Senhora das Neves

Segundo Nobrega, em março de 1928, Pe. José Coutinho recebeu a Carta Patente de Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte Carmelo, e passou a exercer, a partir 26 de janeiro de 1929, as funções de vigário da paróquia de Nossa Senhora das Neves e de Cura da Sé Metropolitana, aonde permaneceu até 1937. (LIMA, 1959, p. 140-145).

De acordo com José Nunes, Pe. José Coutinho dotou para a Catedral um paravan que permanece junto à porta principal e painéis a óleo do pintor João Pinto Serrano. Também conseguiu de D. Margarita Abrantes um sino de bronze que pesava duas toneladas, benzido dia 16 de julho de 1930, recebendo o nome de Rafael, em homenagem ao seu doador Rafael Abrantes.

No filme de Jurandy Moura, Padre Zé estenda a mão, Pe. José Coutinho faz uma declaração sobre seu contato com a pobreza quando foi para a Catedral: “aí eu me liguei completamente com a miséria”! (MOURA, 1973, 5min55seg). A partir desse momento, a vida de Pe. José Coutinho se modificou e todas as suas ações passaram a ser voltadas para os pobres, tanto para dar alimentação, hospedagem e auxílio médico, quanto para ensiná-los alguma profissão. Ainda no filme Pe. José Coutinho declara:

Eu pensava que a Igreja, só por ser Igreja, só por ser catolicismo, era dona do povo. Verifiquei que o Bispo com seus Padres, [...] o clero, cada padre com seu prestígio pessoal. Ainda verifiquei que o médico tinha muito prestígio, o advogado um bocado, o professor outro. Eu digo, aí que eu vou ser um bocado de padre, médico, professor e tudo que for possível no meio do povo. A minha obra é revolucionária, pra dizer a verdade. (MOURA, 1973, 12min)

Seguindo esses pensamentos, Pe. José Coutinho passou a exercer diversas profissões. De acordo com Nunes, foi durante muitos anos procurador de vários pensionistas da Caixa de Assistência e Previdência dos Servidores Públicos. No tempo em que os analfabetos só recebiam abono de família com procuração, teve poderes para receber mais de uma centena deles, sem nunca receber um centavo de comissão ou gratificação. (NUNES, 2013, p. 50). Na visão do padre, a grande revolução social era fazer o que se deve fazer sem esquecer os ensinamentos de Jesus. Fornecer comida a quem tem fome, dar uma rede para quem necessita de repouso e roupa a quem está nu. (NUNES, 2013, p. 51). Assim, durante o período em que esteve frente à Catedral, desenvolveu um trabalho pastoral importante e de “enorme repercussão social”, com a organização de

um grupo de Catecismo Ambulante que a cada quinze dias visitava um bairro diferente e, também com suas visitas semanais aos doentes, para a qual não recusava chamados dia e noite. Auxiliados por médicos colaboradores, os doentes recebiam remédios caseiros que se tornaram conhecidos pela cidade inteira como “o remédio do padre”. (NUNES, 2013, p. 87). Pe. José Coutinho afirma que organizou um pequeno laboratório, que, auxiliado por cinco farmacêuticos, fabricava dois tipos de remédio: o Depurativo e o Fortificante São José. (COUTINHO, 1965, p. 7)

Instituto São José

A decisão crucial de Pe. José Coutinho foi quando fundou o Instituto São José (ISJ) em 19 de março de 1935, que teria como finalidade a formação profissional das pessoas pobres da cidade, com sede nas dependências da Igreja do Carmo, aonde se passou a ministrar vários cursos como: 1) Religião; 2) Português e Aritmética, Dactilografia e Escrituração Mercantil; 3) Artesanatos diversos em papel e tecido, encadernação e cartonagem; 4) Corte e costura, noções de alfaiataria, bordados à mão e à máquina; 5) Música: Teoria e Serafina (Órgão); 6) Indústria doméstica: Arte culinária, higiene e medicina popular. (NUNES, 2013, p. 72). De acordo com Eudésia Vieira, O ISJ ofereceu primeiro cursos profissionalizantes femininos. (NUNES, 1993, p. 75)



Figura 10 - Turma diplomada em bordado a máquina em 1940 (esq.) e os meninos que aprendiam a profissão de engraxate (dir.). Fonte 10: AHN, foto F20.02-002 e F20.02-012 – UNIPE

De acordo com Nunes, um ano após a inauguração do ISJ, em março de 1936, foram instaurados os cursos profissionalizantes masculinos: datilografia, desenho profissional, sapataria, alfaiataria e marcenaria. (NUNES, 2013, p. 76). Nos dias de hoje, colocar um adolescente para trabalhar em qualquer função seria proibido, mas naquela época, ter um trabalho qualquer, era uma forma digna das crianças não ficarem na ociosidade, já que a miséria muito grande.

No mesmo ano da inauguração do Instituto, Pe. José Coutinho organizou a vinda de Frei Damião à capital, atraindo “milhares de pessoas que pretendiam conhecer aquele que utilizava nova maneira de evangelizar, em suas pregações.” (NUNES, 2013, p. 56)



Figura 11: Pe. José Coutinho (direita) ao lado dos missionários Frei Damião (centro) e Fr. Antônio, após um Te Deum na Catedral Metropolitana, em homenagem ao seu aniversário natalício, em 18/11/ 1935, com as alunas do ISJ. Fonte 11: AHN, foto, F20.02-001 – UNIPÉ

Um dos objetivos ocultos de Pe. José Coutinho se esforçar para trazer Frei Damião à João Pessoa foi para chamar a atenção da população sobre seu trabalho humanitário que estava apenas começando. Frei Damião ainda não era tão famoso, apenas iniciara sua missão pelo Nordeste e era mais conhecido em Pernambuco.

De acordo com Nobrega, antes da Casa do Pobre, os pacientes morriam na estação da Rede Ferroviária do Nordeste S/A ou debaixo do mangueiral da Praça Caldas Brandão, junto ao Hospital Santa Isabel, e ainda relata que Pe. José Coutinho, contava que haviam uma média de 250 internos e morriam cerca de 100 por ano, sendo que muitos morriam ao chegar por estarem muito debilitados por subnutrição. Segundo Pe. José Coutinho, “Naquele tempo antigo, os pobres enfermos não tinham dono; houve um Chefe de Polícia que recomendava aos Delegados do Interior que proibissem suas vindas para a Capital”. (NOBREGA, 1997, p. 57)

Serviço de Assistência Social do Estado e o Combate à Mendicância Profissional

Em 22 de dezembro de 1937, foi criado o Serviço de Assistência Social do Estado, pelo então Interventor do Estado Argemiro de Figueiredo que nomeou o Pe. José Coutinho para, com apoio do Estado, “exercer o cargo de chefe do Serviço de Assistência Social, então criado oficialmente”, pois, segundo Eudésia Vieira, era grande o número de mendigos que andavam pelas ruas de João Pessoa. (NUNES, 2013, p. 75) De acordo com o relato do Pe. José Coutinho, como Chefe do Serviço de Assistência Social, entre 1937 e 1940, retirou os mendigos de rua, “mais ou menos forçadamente” pois não saíam por livre e espontânea vontade, mas proporcionou-lhes meio de subsistência na base do que ganhava um trabalhador braçal. Estes traziam seu filhos e filhas para o ISJ, afim de aprender as Artes Profissionais e Domésticas, Datilografia, para que não continuassem no triste meio de vida de seus pais.

O Serviço de Assistência Social foi extinto em agosto de 1940, durante o governo de José Américo de Almeida, que o transformou em “Departamento do Serviço Social”, e Pe. José Coutinho foi exonerado do cargo e os mendigos voltaram para a rua.

Novamente, em 1948, no governo de Osvaldo Trigueiro, Pe. José Coutinho voltou a controlar a Seção de Combate à Mendicância Profissional. Mas, a partir de 1951, a verba para o Combate à Mendicância acabou e os mendigos voltaram definitivamente para as ruas. (COUTINHO, 1965, p. 10)

Pensão Camarada

A situação financeira de Pe. José Coutinho ficou apertada quando perdeu o emprego em 1940, pois, como ele era arrimo de família, sustentava duas irmãs

e sete sobrinhos que criou como filhos. Embora tenha recebido ofertas de doações de particulares para ajudá-lo, se sentiu “acanhado”, agradeceu e nunca aceitou. Para não fechar o ISJ e ter que ir viver no interior com a família, fez uma Pensão, não registrada, que os hóspedes passaram a denominar de Nini. Desta forma Pe. José Coutinho sustentou a família durante sete anos (1941 a 1947), e somente em 1948 a situação melhorou, quando retornou ao Estado como encarregado do Combate à Mendicância Profissional, passando a ganhar Cr\$ 2.000,00 (dois mil cruzeiros) mensais. (COUTINHO, 1965, p. 13 e 14)



Figura 12 - A turma que tirava os mendigos da rua quando o Padre Zé era Diretor do Serviço de Assistência Social. Fonte 12: AHN, foto F20.02-011 – UNIPÊ



Figura 13 - Escrito de próprio punho: “Casa do Pobre. Ordem do Carmo. Almoço no dia 2 de março corrente [1951], com 207 hospedes gratuitos, doente, amigos, estudantes, [ilegível] e professores do Instituto São José”. Pe. José Coutinho está sentado no fundo da sala. Fonte 13: AHN, foto, F20.02-007 – UNIPÊ

A pensão Nini se transformou na Pensão Camarada, com cerca de 350 hóspedes quase todos gratuitos. Os mais pobres faziam suas refeições no ISJ. Este fornecia refeições para cerca de 300 pessoas em média por dia, financiadas em grande parte com esmolas, sendo 200 doentes na Casa Padre Zé, do bairro do Roger, e 100 estudantes, sendo inteiramente de graça para quem não pudesse pagar. (COUTINHO, 1965, p. 14)

De mãos estendidas nos lugares mais inusitados...

Não se tem ao certo um registro de quando Pe. José Coutinho passou a pedir esmolas nas ruas de João Pessoa, porém, em seu relato menciona algumas vezes o destino que dava às esmolas: para as refeições dos pobres e para diversas construções como o Santuário de Santa Terezinha, as cerca de 150 casas e a Casa Padre Zé, que posteriormente se transformou no Hospital Padre Zé.



Figura 14 - Padre Zé pedindo nos ônibus (esq.) e num circo com chapéu na mão (dir.).
Fonte 14: AHN, foto, F20.03-001 e F20.03-006 – UNIPE

De acordo com seu relato, Pe. José Coutinho afirma:

para propagar as minhas obras, o que era inteiramente necessário, não só para projetá-las, como também e principalmente para mostrar que dificilmente outro com as esmolas que eu recebia, podia conseguir fazê-lo, enfrentei o respeito humano e até o ridículo passeatas de pedras e areias de margem da Maré ladeira acima até o Santuário de Santa Terezinha em construção, passeatas estas que aos domingos atraía milhares de fiéis[...], passeatas de telhas, algumas verdadeiro carnaval [...] com papagaios, araras e outros bichos em exposição... até numa passeata de carroças tomei parte (COUTINHO, 1965, p. 13)

Com esmolas tornou-se mestre de obras...

Como trabalhava com esmolas Pe. José Coutinho aproveitava tanto quanto possível as paredes das casas de palha. Desta forma reconstruiu trinta e duas no primeiro semestre de 1951. Na figura a seguir podemos conferir a construção do futuro hospital Padre Zé, construído com esmolas.

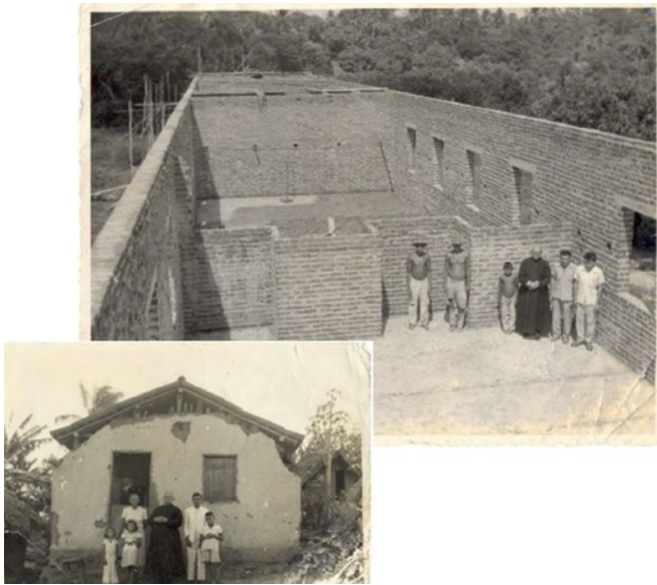


Figura 15 - Construção da Casa Padre Zé, futuro Hospital Padre Zé e substituição dos telhados de palha por telhas. Fonte 15 AHN, foto, F20.05-004 e F20-06-005 – UNIPÊ

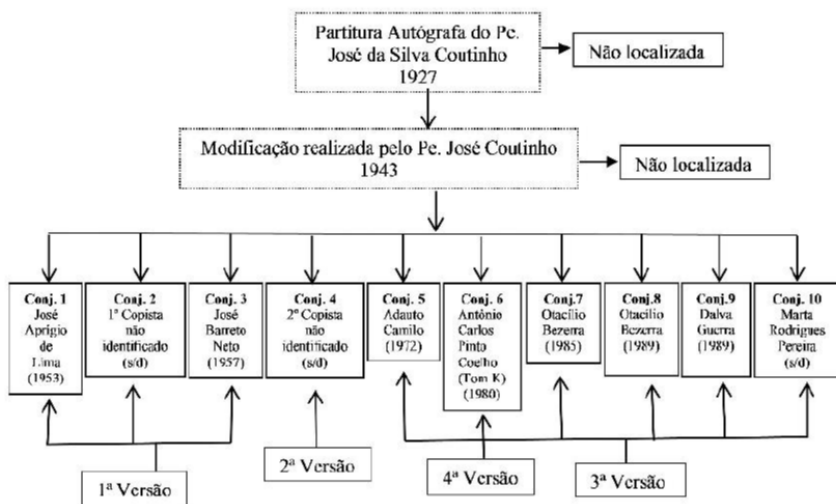
Fontes musicais da Novena de Nossa Senhora do Carmo

Em maio de 1943, Pe. José Coutinho foi preso por 9 dias, acusado de ser espião nazista. Na prisão, aproveitou o tempo livre para reformular as partes musicais da Novena do Carmo, com a ajuda de um órgão.

Todas as fontes musicais localizadas e analisadas nos meus estudos do Doutorado em Musicologia, intitulado “A Novena de Nossa Senhora do Carmo de João Pessoa atribuída ao Pe. José da Silva Coutinho” sob orientação do Prof. Dr. Pablo Sotuyo Blanco, são posteriores ao episódio da prisão.

São dez conjuntos de partituras com datas a partir de 1953, sendo sete copistas conhecidos, dois sem autoria identificada e três sem datação.

Quadro 1: Filiação genética e recepção das fontes musicais da Novena de Nossa Senhora do Carmo



Nestas fontes foram registradas intervenções caligráficas de músicos e maestros que fizeram anotações diversas desde as cópias mais antigas de 1953 até as mais recentes de 1989. Foram ao todo 34 interferências caligráficas posteriores, sendo 13 caligrafias com autoria reconhecida e 7 de autoria não identificada, formando quatro versões da Novena.

Conjuntos e partes instrumentais

A maioria dos conjuntos são de partes instrumentais. Apenas os conjuntos 3 e 6 são diferentes. No 3º conjunto localizamos a única partitura de orquestra até o momento. Nela existe a caligrafia musical de Pe. José Coutinho em determinados momentos, corrigindo e inserindo melodias na parte vocal.

Já o conjunto 6 é uma redução da partitura para solistas, coro a 3 vozes e órgão. O maestro Antônio Carlos Pinto Coelho, Tom K, afirmou que nesta redução, manteve todas as seções compostas pelo Pe. José Coutinho, retirando apenas 4 das 18 seções.

Quadro 2: Conjuntos e partes instrumentais da Novena de Nossa Senhora do Carmo

CONJUNTOS	COPISTAS	DATAS	PARTES INSTRUMENTAIS
1	José Aprigio de Lima	1953	Cl 1, 2, Pst em Sib, Bx em Dó, Vl 1
2	1º Copista não identificado	s/d	Vl 2
3	José Neto Barreto	1957	Partitura (Fl, Cl 1, 2, Pst em Sib, Bx em Dó, Vl 1, 2, Org, Voz).
4	2º Copista não identificado	s/d	Ob, Bx em Dó.
5	Adauto Camilo	1972	Cl 2, Pst, Bx em Dó, Vl 1, Org.
6	Antônio Carlos Pinto Coelho (Tom K)	1980	Vozes Sol., Côro a 3 vozes, Org.
7	Otacílio Francisco Bezerra	1985	Cl 1 Sib
8		1989	Pst, Ob, Fag, Vl 2
9	Dalva Guerra	1989	Org
10	Marta Rodrigues	s/d	Org

Em uma entrevista, o copista José Neto Barreto, que quando jovem morou na Casa Padre Zé por cerca de 6 meses, afirmou que o Pe. José Coutinho fazia correções enquanto ditava a partitura ou rabiscava em um papel para que ele pudesse passar a limpo.⁷ Na figura a seguir podemos observar sua caligrafia musical com uma melodia escrita a lápis.

⁷ “Então ele fazia o seguinte: ele rabiscava, rabiscava, aí chamava: Zé, me chama, Zé Barreto venha cá – aqui assim, assim assado - horrível o rabisco dele. Era uma letra bem fininha? É, uma letra bem fininha. Eu era cuidadoso e aí transformava direitinho nas notas, tal”. Entrevista com José Neto Barreto em 08/07/2014 em João Pessoa.

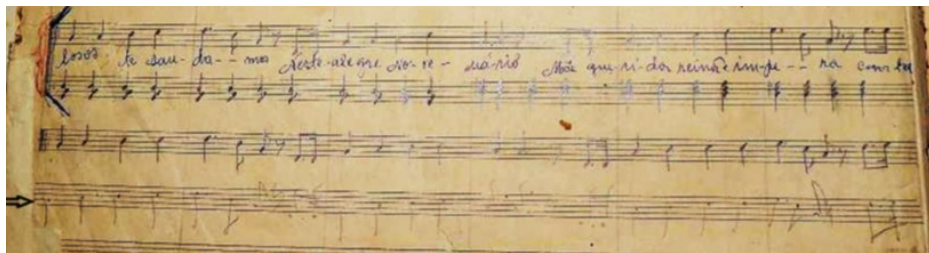


Figura 16 - Caligrafia musical do Pe. José Coutinho a lápis na pauta inferior da cópia de Barreto. Fonte 16: J. Barreto - pág.2.

Solenidades na Casa Padre Zé

Em 1955 foi doado ao ISJ, por Iaiá Paiva, um sítio no bairro de Mandacaru, aonde pode ser instalada a Casa do Pobre, que passou a se chamar Casa Padre Zé. Seguindo os passos do Arcebispo D. Adauto Aurélio de Miranda Henriques, que sempre se cercou da alta cúpula da sociedade civil e militar, na solenidade de inauguração da Casa Padre Zé compareceram vultos proeminentes da sociedade oficial civil, militar e eclesiástico: o Arcebispo Metropolitano, o Governador do Estado, o Coronel Comandante da Guarnição Federal, o Comandante de 15º R.I., outras autoridades eclesiásticas, civis e militares.



Figura 17: Preocupado com a assistência alimentar aos seus pobres, Padre Zé posa nesta foto preparando um refresco de maracujá que seria servido aos circunstantes. (NOBREGA, 1997, p. 103) Fonte 17: AHN, foto, F20.09-025 – UNIPÊ

Pe. José Coutinho ainda afirma em seu relato, que não era apenas amigo dos pobres, pois tinha como amigos “os recusados e ricos da terra, os capitães de indústrias e os usineiros” como Dr. Renato Ribeiro Coutinho. Politicamente, com o objetivo de conseguir donativos, participava de diversos comícios, mas não se considerava

Nem direitista nem esquerdista... fico no centro, seja rico ou seja pobre, seja pequeno ou seja grande, procurando seguir os sábios ensinamentos da Santa Madre Igreja que dizem estar a virtude sempre no meio, [...] com apoio completo do clero e do meu Arcebispo, das Autoridades Constituídas, tenham o nome que tiverem, pois... desde 1945 não demonstro nem demonstrarei jamais, preferência partidária por quem quer que seja, costumando falar nos comícios políticos de todos os partidos, quando se aproxima as eleições. (COUTINHO, 1965, p. 17)



Figura 18 – Pe. José Coutinho, Dom Manuel Pereira da Costa, Bispo Auxiliar de Dom Moisés e outras autoridades civis e militares. Fonte 18: AHN, fotos, F20.06-015 – UNIPÊ

Na foto a seguir podemos conferir a presença de Pe. José Coutinho ao centro posando junto com os hóspedes da recém-inaugurada Casa Padre Zé no bairro da Mandacaru, futuro Hospital Padre Zé.



Figura 19 - Pe. José Coutinho junto com Renato Ribeiro Coutinho (Usineiro) e i Gov. Pedro Gondim (esq.), e no centro dos Hóspedes da Casa Padre Zé (dir.). Fonte 19: AHN, foto, F20.09-018 e F20.06-011 – UNIPÊ

Agravamento da saúde

De acordo com Humberto Nóbrega, Pe. José Coutinho sofria de artrite crônica que se agravou com a idade avançada deixando-o semiparalítico. O prenúncio da enfermidade que o levaria à cadeira de rodas não desvaneceu Pe. José Coutinho na luta contra a pobreza e dos mais necessitados. Amparado por dois comensais do Instituto ele continuou indo às ruas em busca de donativos.

Uma imagem comum nas ruas da cidade.

Quando percebeu que não podia mais se locomover, passou a usar uma cadeira de rodas empurrada por dois homens. Neste veículo, passou a percorrer

todos os lugares aonde pudesse recolher esmolas para o ISJ. (NOBREGA, 1997, p. 87). O jornalista Gonzaga Rodrigues deixou por escrito um dos mais lúcidos comentários sobre a atitude de Pe. José Coutinho em pedir esmolas:

Eu o achava singular por fazer uma obra de santo sem se alterar na rotina do homem. [...] Pedia com autoridade de quem dava, às vezes as pessoas abordadas sendo muito mais cúmplices em dar do que Padre Zé em receber. [...] Era muito mais um justiceiro do que um pedinte. (NUNES, 2013, p. 109)

Na figura 21 podemos observar que o padre está em uma cadeira adaptada com duas rodas de bicicleta, de chapéu e vestido com uma capa sobre a batina, assim como os comensais do ISJ. Quando ficou mais velho passou a usar outra, com três rodas e que foi objeto da representação tumular.



Figura 20: Amparado por dois comensais do ISJ ele vai às ruas em busca de donativos. (NOBREGA, 1997, p. 114) Fonte 20: AHN, foto, F20.08-005 – UNIPÊ



Figura 21: Chovesse ou fizesse sol, lá estava Padre Zé ajudado por comensais do ISJ angariando espórtulas para seus pobres. (NOBREGA, 1997, p. 119) Fonte 21: AHN, foto, F20.08-007 e F20.08-006 – UNIPÉ

Em depoimento à Nunes, Mauro Barros Mangureira, que morou com Pe. José Coutinho de 1957 a 1973, e o acompanhou desde quando ele ainda podia andar, revela que em sua rotina diária, costumava pedir esmolas pela manhã das 8h00 à 11h00 e à noite, após a refeição (arroz, carne sem sal e café sem açúcar), nas portas dos cinemas Plaza, Municipal, Rex, ou no Teatro Santa Roza. (COUTINHO, 2013, p. 89)

Na figura 22 podemos observar que Pe. José Coutinho segura uma varinha na mão esquerda. De acordo com Nobrega, “esta é uma foto clássica do obstinado sacerdote ostentando o avental, onde guardava as esmolas, e a famosa varinha com que chamava a atenção dos transeuntes para a doação das espórtulas.” (NOBREGA, 1997, P. 120). De acordo com seu próprio depoimento, para alongar seu braço, passou a utilizar uma vareta, e justificava: “faço isto por pilhéria e também por espírito de imitação, pois os matutos só pedem esmola com uma vara”. (NOBREGA, 1997, p. 87)



Figura 22: Padre Zé pede esmolas nas filas dos cinemas. Fonte 22: AHN, foto, F20.03-003 e F20.08-009 – UNIPÊ

De acordo com depoimentos das pessoas anônimas que o conheceram, Pe. José Coutinho costumava pedir com a frase: “- Uma esmola para meus pobres!...”. Com o passar do tempo, ele não precisava falar mais nada, pois os habitantes de João Pessoa já sabiam do que se tratava e davam as esportulas. O inusitado é que ele não pedia para si, e sim para os outros, para os “seus pobres” como costumava dizer.

Hospital Padre Zé

De acordo com o relato do médico Ricardo Rosado Maia, após a revolução de 1964, o militar aposentado e futuro médico Genival Montenegro Guerra se tornou cúmplice do Pe. José Coutinho para salvar vidas. Junto com seus colegas de medicina formaram a COPAI (Comissão de Organização, Planejamento e Execução de Apoio ao Indigente). Assim conseguiram resolver o problema da insalubridade existente na Casa Padre Zé. Aos poucos o trabalho deles foi adquirindo confiança, até quando a Campanha Nacional contra a Tuberculose passou a aceitar os relatórios deles e atribuir a responsabilidade do tratamento desta terrível doença. Com estas pequenas conquistas, a comunidade paraibana começou a ficar mais participativa. (NUNES, 2013, p. 127-129)

O jornal *Correio da Paraíba*, através dos jornalistas Soares Madrugá e Nathanael Alves e o jornal *O Norte*, com Gonzaga Rodrigues, divulgaram amplamente as ações da COPAI para angariar fundos para ajudar no que a Casa Padre Zé carecia. Desta forma a Casa Padre Zé se transformou no Hospital Padre Zé. (NUNES, 2013, p. 130)



Figura 23: Pe. José Coutinho sentado, em entrevista para o Museu da Imagem e do Som, da UFPB, em 26/06/1969, nas dependências da Igreja do Carmo: (esq. para dir.) Gonzaga Rodrigues, Carlos Neves da Franca, prior da Irmandade do Carmo, Des. Simeão Cananêia, Nathanael Alves, Humberto Nóbrega e mais duas pessoas não identificadas. Fonte 23: AHN, foto, F20.09-006 – UNIPÊ

Sobre os doentes que viu nos subterrâneos da Igreja do Carmo, Gonzaga Rodrigues registrou que percebeu gente à procura de saúde, mendigando estudos e outros pedindo vida. Considero o comentário deste jornalista como uma síntese da personalidade identitária de Pe. José Coutinho:

O padre não os tratava como protetor ao protegido, mas de homens para homens, como se todos houvessem se agregado a uma tarefa conjunta. [...] Padre Zé pode ser santo, mas não é assim que o vejo. Vejo nele um reformador que tentou de um em um o que não pode fazer com todos. O que lhe sobrou de vontade solidária, faltou-lhe em instrumentos. (NUNES, 2013, p. 110)

Os jovens não o conheceram, mas ouviram falar, muitas vezes contados por seus parentes mais velhos, ou mesmo sem saber quem foi ele, conhecem-no através do Hospital Padre Zé ou de simples trabalhos escolares.



Figura 24: Caricatura realizada por Flávio Augusto Viana Gadelha, aluno do Departamento Cultural da Paraíba Fonte 24: AHN

Sepultamento de Pe. José Coutinho: uma imensa comoção tomou conta da população

De acordo com Nóbrega, pressentindo a aproximação do fim de sua vida terrena, dia 30 de outubro de 1973, redigiu uma carta testamento ao seu amigo Francisco Souto, para que providenciasse suas últimas vontades. (NOBREGA, 1993, 88)

Ainda segundo Nobrega, no dia 2 de novembro de 1973, Pe. José Coutinho foi ao Cemitério do Senhor da Boa Sentença, “tirar” esmolas para o Instituto, mas passou mal com o calor, foi socorrido, mas o mal foi irreversível. Pe. José Coutinho faleceu a 5 de novembro de 1973 à 12hs30. No atestado de óbito consta: “A) - Parada cardíaca congestiva e cardiopatia hipertensiva, B) – Cardiopatia hipertensiva”. (NÓBREGA, 1997, p. 97).

Neste mesmo dia, o Editorial do jornal Correio da Paraíba publicou:

Morre e ninguém poderá ser designado para substituí-lo em sua missão... Um homem que encarne a missão, como Padre Zé encarnava, não encontra quem possa dizer amanhã: “Faça o que ele costumava fazer, desempenhe o seu papel, de modo a evitar que sinta a sua falta”. (NUNES, 2013, p. 43)

A Rádio Tabajara, no programa A Crônica do Meio Dia, no dia do falecimento do Pe. José Coutinho, João Carlos Franca inicia sua homenagem ao padre, narrando como ele costumava pedir esmolas:

- Uma esmola para meus pobres!... e o chicote descia pelas costas, pelos ombros, pelos braços, num castigo macio, aveludado, que tinha tão somente a missão de despertar as almas endurecidas para a caridade de cada dia... – Uma esmola para os meus pobres!... [...] Era a singular irreverência para quem pedia sem corar porque não pedia para si. (FRANCA, In: Padre Zé Coutinho – O Apóstolo, 2014, p. 99)



Figura 25 - Compacta multidão encheu as ruas da capital, dando o último adeus ao Padre Zé. Passagem do féretro pela rua Duque de Caxias. Nas ruas e nas janelas dos edifícios está o povo. Fonte 25: AHN, fotos, F20.07-006 e F20.07-008 – UNIPE

De acordo com Nunes, “a Capital da Paraíba parou naquela tarde de terça-feira para comparecer ao funeral e sepultamento de seu maior benfeitor”. A polícia calculou que cerca de 70 mil pessoas acompanharam o carro do Corpo de Bombeiros com o caixão com o Pe. José Coutinho, desde o Largo do Carmo até o Cemitério Senhor da Boa Sentença. (NUNES, 2013, p. 120)

Escultura do Acervo Humberto Nóbrega

Humberto Nóbrega foi um médico paraibano, amigo pessoal e biógrafo do Pe. José da Silva Coutinho. No acervo que leva seu nome, sob os cuidados da UNIPÊ, foi localizada uma escultura, de autoria desconhecida, do Pe. José Coutinho em uma cadeira de rodas, confeccionada em gesso e vitrificada, com aproximadamente 27cm de altura.

A pequena estatueta está como o dedo polegar da mão direita quebrado, deixando aparente o gesso na parte interior e a camada vitrificada em branco por fora. O padre, vestido de batina, está representado em uma cadeira de rodas, com a mão direita voltada para cima e outra segurando uma vara apoiada no busto. Nesta escultura, o artista representou Pe. José Coutinho sem os óculos, embora ele sempre o usasse.



Figura 26 – Estátua de Pe. José da Silva Coutinho. Fonte 26: Autor desconhecido, Acervo Humberto Nóbrega (AHN).

No detalhe das mãos, a direita está aberta e virada para cima numa atitude de que pede e na mão esquerda está segurando a conhecida vareta. Na pequena escultura, existe uma diferença na forma de apoiar os braços. O direito está solto, tendo apenas a mão apoiada sobre o joelho e o esquerdo, o antebraço está apoiado no braço da cadeira de rodas.



Figura 27 – Mão direita aberta e virada para cima e a esquerda segurando uma vareta.
Fonte 27: Escultura em gesso, AHN

Esta escultura em gesso, certamente foi feita após a instalação tumular, pois resgata a cadeira de rodas, a mão direita estendida e a famosa vareta na mão esquerda, omitida na representação tumular, confirmando a percepção que o povo de João Pessoa tem, ao procurar imortalizá-lo dessa forma. O povo escolheu como memória afetiva lembrar-se dele, não jovem, mas idoso e com a saúde debilitada, numa cadeira de rodas, sempre pedindo com a vareta.

“- Uma esmola para meus pobres! ...”

No túmulo de Pe. José Coutinho existem diversos dizeres. Podemos ler no crucifixo os dizeres Padre Zé seguido das datas de nascimento e morte. Como epitáfio, vemos a inscrição: PREZADOS (AS), “LEMBRANDO-SE DE

MIM, NÃO ESQUEÇAM DOS MEUS POBRES”. PADRE ZÉ. Esta frase, escrita no presente, de forma coloquial e entre aspas, remete ao próprio Pe. José Coutinho falando. De certa forma, existe algum fundamento nesta observação pois, o jornalista Carlos Romero lembrando o passado, declarou: “Nunca soube enriquecer. Tirou muito dinheiro dos ricos para dar aos menos favorecidos. Costumava chamar a gente de prezado”. (ROMERO, 2012, p. 2). Muito diferente dos epitáfios comuns onde a tristeza e a melancolia são plausíveis de serem ditas pelas expressões chorosas das figuras que pranteiam sobre as lápides.

Comparando as duas esculturas, percebemos que os dois acessórios existentes nelas são diferentes: a vareta e os óculos. A vareta não está presente na alegoria tumular, assim como os óculos, que Pe. José Coutinho sempre usou, não está presente na escultura em gesso. As outras duas placas com dizeres foram acrescentadas posteriormente. Uma, entre os pés do padre está ilegível na foto e a outra está escrito: UMA GRANDE GRAÇA ALCANÇADA CELESTE. Esta frase foi modificada e atualmente foi anexada ao mármore com os dizeres: “AO P. ZÉ POR UMA GRAÇA ALCANÇADA”.

Na foto antiga, um vaso com flores do campo, confeccionado da mesma pedra que as rodas da cadeira enfeitada o túmulo, mas na atualidade este vaso está vazio.



Figura 28 – Frase existente no túmulo de Pe. José Coutinho: foto antiga e atualidade. Fonte 28: AHN, Foto antiga, F20-07-010 e foto tirada pela autora (2015)

De acordo com entrevista com a Sra. Rivaldina Coutinho, sobrinha e herdeira de Pe. José Coutinho, após seu falecimento, foi feita uma comissão para decidir como seria a escultura a ser colocada sobre o túmulo dele. Com isso, vários artistas levaram desenhos e maquetes com sugestões de esculturas tumulares. Segundo ela, a escolha demorou muito, até chegar à que melhor o representasse. Por algum motivo que não me explicou, ela não deixou colocar a varinha na estátua. Sendo ela a herdeira, a palavra final foi sua e assim permaneceu.

ceu. A estátua foi colocada no túmulo um ano após o falecimento de Pe. José Coutinho.

Conforme pode-se observar, Pe. José Coutinho aparece na alegoria de seu túmulo da forma como foi personificado, retratado naquilo que ele fez de mais relevante em sua vida: pedir esmolas para os pobres e os doentes que sustentava através do ISJ. Em vida Pe. José Coutinho se tornou um abnegado em ajudar os náufragos da miséria, não se importando nem em pedir esmolas para tirá-los da condição sub-humana em que viviam.

Esmolava, não para ele, e sim para os outros. Viveu em extrema pobreza, dormia em uma rede e mal cuidava de si próprio.

Homenagens póstumas

Da mesma forma com que as esculturas póstumas foram construídas, a atribuição da autoria da Novena do Carmo na íntegra ao Pe. José Coutinho, também foi um tributo em sua homenagem. Esta atribuição póstuma foi constatada através de relatos de pessoas importantes ligadas a ele, à Novena e à Ordem do Carmo.

O historiador José Nunes afirmou ser de sua autoria, a música de vários hinos e a Novena em homenagem a Excelsa Virgem do Carmo. O maestro Tom K, que regeu a Novena do Carmo por 25 anos, afirmou ser esta, uma composição do Padre e o historiador e Prior da Ordem do Carmo, Marcos Cavalcanti Albuquerque destaca a atuação do Padre Zé Coutinho ao manter a celebração da Novena “introduzindo os cantos e preces do novenário em latim”, observado até os dias atuais.

Confirmando ainda estas duas homenagens póstumas, dois importantes processos foram abertos na última década: pela Igreja, a canonização do Pe. José Coutinho, que já tem um milagre confirmado, e pelo IPHAN para tornar a Novena de Nossa Senhora do Carmo, patrimônio imaterial da cidade de João Pessoa, tendo como proponente a Ordem Terceira do Carmo.

Sua atuação abrangeu sempre os dois seguimentos: social, de doação, acolhida e socorro ao menos favorecidos e devocional, religioso e musical, permanecendo, até a atualidade, no imaginário popular.

Considerações finais

Hoje, 80 anos passados, sua obra continua pelas mãos daqueles que compreenderam seus pensamentos, através de suas ações. O Hospital Padre Zé, criado por ele, cresceu, possuindo filiais em outras cidades no interior da Paraíba, e como instituição filantrópica que hoje faz parte da Ação Social Arquidiocesana (ASA), continua vivendo de doações e possui leitos destinados exclusivamente à população carente e só recebe internamentos em enfermarias. O seu túmulo é um dos mais visitados no dia de Finados. Tornou-se uma tradição a realização de uma campanha nesse dia nos cemitérios de João Pessoa e alguns do interior, para arrecadar recursos para as obras sociais do ISJ e Hospital Padre Zé.

Também se tornou uma tradição a Novena de Nossa Senhora do Carmo, para solistas, coro e orquestra, cantada em português e latim, que, mesmo não tendo sido localizados os autógrafos, relatos de jornais, livros e entrevistas diversas, passaram a atribuir a autoria da Novena ao Pe. José Coutinho, que durante toda sua vida se esforçou em manter sua execução, durante a Festa de Nossa Senhora do Carmo em João Pessoa.

Bibliografia

BURKE, P. **A escola dos Annales (1929-1989):** a revolução francesa da historiografia, trad. Nilo Odalia, 2o ed. São Paulo: UNESP, 2010.

_____. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CARVALHO, A.L.P. Construção Identitária: projeção simbólica. In: **IV ENE-CULT**, UFBA, 2008. Disponível em <www.cult.ufba.br/enecult2008/14361.pdf> Acesso em: 04/06/2015.

CARVALHO, Luiza Fabiana Neitzke de. Uma análise da alegoria e sua aparição na Arte Funerária. In: Florianópolis: **17º Encontro Nacional da ANPAP**, 2008. Disponível em <<http://anpap.org.br/anais/2008/artigos/039.pdf>> Acesso em: 15/07/2015.

COUTINHO, J.S. (monsieur). Aos que não me conhecem sou o Padre Zé, o homem mais doido da Paraíba. In: **Padre Zé Coutinho – O Apóstolo**. Transcrito do Folheto publicado pela A União Editora, 1965. Gráfica JB, s/d, p. 66 e 67.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas e Sinais**. São Paulo: Cia das Letras, 1989, p. 64.

KAUFMANN, J-C. **A invenção de si:** Uma teoria da identidade. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

HALL, S. **Da diáspora:** identidade e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. Disponível em <www.grupodec.net.br/ebooks/Da_Diaspora_-_Stuart_Hall.pdf> Acesso em 02/07/2015.

MOURA, J. **Padre Zé estende a mão**. Película 16mm, 26min., P&B. Cinema Paraibano, 1972. Disponível em <<https://vimeo.com/92066955>>. Acesso em 21/06/2015.

NOBREGA, H. **Meu depoimento sobre o Padre Zé**. João Pessoa: Editora Universitária, 1997. Disponível em:<http://www.worldcat.org/title/meu-depoimento-sobre-o-padre-zemonsieur-jose-da-silva-coutinho/oclc/19523728&referer=brief_results>

NUNES, J. **Padre Zé Coutinho**. Série Histórica, n.26. João Pessoa: Editora A União, 2000.

OLIVEIRA, J.C.A. Erwin Panofsky e a iconografia. In: **Arte Sacra Cristã**. Disponível em: <<http://artesacracrista.blogspot.com.br/2008/02/erwin-panofsky-eiconografia.html>> Acesso em 21.06.2015.

PAULA, R. S. A construção identitária da pessoa idosa. In: **Revista Fórum Identidades**, ano 2, v.3, p. 111-117, jan - jun de 2008. Disponível em <200.17.141.110/.../revista.../SESSAO_L_FORUM_Pg_111_117.pdf> Acesso em 02/06/2015.

ROMERO, C. A paz que vem da consciência. João Pessoa: **Jornal A União**, p. 2, 15/04/2014. Disponível em: <http://issuu.com/auniaio/docs/jornal_em_pdf_15-04-14>

